

# OS ESQUECIDOS

RUBEM BRAGA

**P**AÍS de costa imensa, e até hoje de péssimas comunicações terrestres, o Brasil não possui, entretanto, nenhum escritor do mar. Nossos romancistas são de terra a dentro ou de beira de praia. Quando falam do mar é quase sempre com um desconhecimento acabrunhador; sente-se que são homens da praia fazendo lirismo sobre uma vida que não conhecem. Já me dei ao trabalho — eu que tenho apenas ligeiríssimos conhecimentos do mar — de examinar algumas páginas líricas em que um de nossos melhores romancistas descreve uma viagem marítima. Os ventos sopravam errados, as tempestades eram absurdas e os luars fora de propósito... Não digo que o romancista deva ser exato. Mas a exatidão completa, a arbitrariedade chocante mostram um perfeito desconhecimento, ou pior ainda, uma perfeita falta de sentimento do mar. O que não se nota, por exemplo, em um poeta como Vicente de Carvalho que, apesar de não ter compromissos a não ser com o lirismo, é sempre um homem com a perfeita consciência do mar e do céu...

É talvez por isso que até agora ninguém se abalçou a escrever uma história real que é das mais belas e dramáticas acontecidas neste país nestes tempos: a história da Marinha durante a última

guerra. Sobre a Marinha de Guerra conheço apenas um pequeno mas excelente trabalho do comandante Gerson de Macedo Soares, escrito por encomenda da Livraria do Globo e publicado no último volume da "História da II Guerra Mundial"; por que não juntar isso a alguns depoimentos de outros oficiais e fazer um volume? Sobre a Marinha Mercante não conheço coisa alguma escrita; esses homens do mar são demasiado discretos. Perdemos, entretanto, uns 30 navios mercantes, e pouco menos de 500 tripulantes, perdas iguais ou levemente superiores às da FEB na Itália e às da Marinha de Guerra. Nunca vi mais do que rapidíssimas reportagens sobre isso. Nem sequer o estranho caso de navios nossos que foram afundados quando viajavam pintados de cinza e de luzes apagadas, ao tempo em que o Brasil ainda não entrara na guerra, caso extremamente doloroso em que perdemos marujos mercantes, oficiais e soldados do Exército — nem sobre isso li uma só linha!

Um dos resultados desse silêncio dos nossos homens do mar é o desprezo a que foram votados, finda a guerra, os marinheiros mercantes. Uma reportagem de Homero Homem vem chamar nossa atenção para isso. Dois projetos de lei destinados a fazer um pouco de justiça a essa gente — um do sr. Café Filho, outro do sr. Brígido Tinoco — parecem engavetados em alguma comissão da Câmara.

A história do Brasil na guerra — e um outro capítulo inteiro, o da atuação da FAB nas costas do país, também está por ser escrito — apontará, sem dúvida, o marujo mercante como um dos grandes sacrificados. É tempo de se lhe fazer justiça, e o apêlo de Homero Homem precisa ser ouvido.

18.10.49

254